

# AS VOZES FEMINISTAS LIBERTÁRIAS LATINAS NA MULTIARTE DE KEROLAYNE KEMBLIN E NA POESIA DE GLORIA ANZALDÚA NO INSTAGRAM

LATIN LIBERTARIAN FEMINIST VOICES IN THE WORK OF KEROLAYNE KEMBLIN AND GLORIA ANZALDUA ON INSTAGRAM

**Thais Yasmine Feitosa Gondim**  
**PPGL-UFOPA**  
**Hosana Celeste Oliveira**  
**PPGARTES-UFPA**  
**Odenildo Queiroz de Sousa**  
**PPGL-UFOPA**

## Resumo

Este artigo traz um recorte de uma pesquisa que parte da arte para investigar a construção de identidades na obra de duas artistas: Kerolayne Kemblin (Amazonas, Brasil), que dialoga com a cultura ancestral africana, e Gloria Anzaldúa (Texas, EUA), que explora a ancestralidade asteca. O estudo converge arte, feminismo e Instagram, e é norteado pela ideia de “vozes feministas libertárias latinas instagramáveis”.

## Palavras-chave:

Arte; Poesia; Feminismo;  
Vozes libertárias; Instagram.

“A liberdade é uma luta constante”.  
Ângela Davis.

“O Instagram é um espaço de vozes construído por  
mulheridades latinas diversas”.  
Thais Yasmine.

## **VOZES E LIBERDADE EM KEROLAYNE KEMBLIN E GLORIA ANZALDÚA NO INSTAGRAM**

Teorizar sobre vozes femininas é um percurso de descobertas, já que elas estão repletas de discursos que abordam questões individuais, e também coletivas, do que é ser mulher diversa e complexa na sociedade plural em que vivemos. A poesia,

## Abstract

*This article presents an excerpt from a research project that uses art to investigate the construction of identities in the work of two artists: Kerolayne Kemblin (Amazonas, Brazil), who engages with ancestral African culture, and Gloria Anzaldúa (Texas, USA), who explores Aztec ancestry. The study converges art, feminism, and Instagram, and the idea of "Instagrammable Latina libertarian feminist voices" guides the study.*

## Keywords:

*Art; Poetry; Feminism;  
Libertarian Voices; Instagram.*

como expressão da palavra escrita e de poder da mulher, surge como uma das formas pela qual essas vozes constroem significação e resistência. Partindo dessa premissa, o nosso estudo traz uma reflexão sobre o poder que a palavra, como substantivo feminino, exerce em um universo machista e patriarcal, que constantemente apaga e silencia mulheres artistas, escritoras, pesquisadoras. No mar de vozes femininas, existem artistas que exploram múltiplas linguagens que resultam em imagens organizadas em telas virtuais, e aquelas que articulam mensagens poéticas com versos simbólicos - em ambas vertentes encontramos artistas que falam de si, de

suas histórias, ancestralidades e escrevivências. Kerolayne Kemblin e Gloria Anzaldúa são dois exemplos desse mar de vozes escrevíveis.

Quanto à escrevivência, ela é pautada na ideia de que a vida se escreve na vivência de cada pessoa (Evaristo, 2005). E nesse ato de escrita, principalmente das artistas negras, encontramos aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição - a que vence preconceitos e estereótipos para falar de si e se empoderar através da arte que produz - ainda que a sociedade insista em apagar e inferiorizar essas pessoas. Mulheres afrocentradas sendo tratadas como inferiores ou subalternizadas, também atinge outras mulheridades, como as mestiças, estrangeiras e lésbicas que resistem e lutam por suas existências e permanências no mundo. O construir artístico dessas artistas, seja através da imagem ou da palavra, perpassa a construção social que mira à liberdade e à ação de ser livre frente às várias dimensões da vida.

Pesquisadora sobre mulheres pretas, Angela Davis (2018) alarga o conceito construído socialmente do que é o feminino e afirma que a liberdade consiste em uma luta constante. O pensamento dessa ativista nos diz que, para sermos livres, precisamos de atitudes dentro do espaço social para atingir alguma liberdade. Portanto, é preciso mover-se para conquistar liberdade e aquilo que se deseja. Kerolayne Kemblin e Gloria Anzaldúa são exemplos conscientes do que Davis diz, considerando-se a militância e a produção artística de ambas.

Conhecer a experiência do povo preto segundo suas vivências e experiências cotidianas é o exercício que faremos no estudo, já que esse encaminhamento expõe histórias, modos de resistência e empoderamento, algo crucial para o debate sobre os feminismos na arte, de um modo geral, ou especificamente na poesia.

Esta habilidade de pensar a partir da experiência comum do povo negro é uma estratégia comum usada por teóricas negras, que se mostra muito potente para ampliar o debate e trazer novas dimensões às questões tradicionais da filosofia. Com essa estratégia torna-se possível repensar questões que eram consideradas como universais, mas que na verdade não incluíam a perspectiva do povo negro (Rodrigues; Ferreira, 2020, p. 4).

É por intermédio da reflexão que vislumbra ideias de liberdade que compreendemos os aspectos particulares de duas artistas latinas, cada uma delas em uma localização geográfica específica. Kerolayne Kemblin vem da floresta e das águas profundas, é sul-afro-amazônida. Gloria Anzaldúa, por sua vez, de entrelugares, o México indígena e os Estados Unidos, é sul-mestiça-chicana. Elas são estudadas considerando-se os lugares aos quais sentem pertencimento e a sua luta pela construção e repercussão de suas existências e militância. Ambas almejam juntar mais vozes, direitos, liberdade, libertação e prestígio, mas sobretudo que suas identidades possam existir livres de preconceitos e julgamentos. É com base nessa concepção de vida que pensamos as vozes feministas libertárias do sul global, a partir de duas artistas que apresentam características diversas e feminismos em comum.

A primeira delas, Kerolayne Kemblin, uma mulher preta, heterossexual, vive em uma comunidade que se caracteriza como um quilombo urbano localizado em Manaus, no estado do Amazonas. Já Gloria Anzaldúa, mulher mestiça, lésbica, chicana, vem de uma região entre as fronteiras dos Estados Unidos e México. A produção artística de ambas é baseada na escrevivência feminista que analisa, pensa, planeja e materializa emoções e experiências de vida. Por essa perspectiva, Kerolayne Kemblin apresenta uma espécie de multiarte, colagens digitais com diversas referências que se conectam entre si para falar sobre a vida da artista e de uma Amazônia coletiva de maneira intimista, atenta, de um lugar carregado de ancestralidade. Gloria Anzaldúa aborda, no seu construir poético, uma mistura das línguas que fazem parte de suas raízes latinas. Através do hibridismo linguístico, sua poesia ganha força com palavras da língua espanhola e inglesa. Logo, seu construir poético nasce dessa mistura entre duas línguas distintas que também constrói e constitui a própria Anzaldúa, uma mulher complexa, militante. Em ambos os casos, se verifica a desconstrução de estereótipos a partir do construir artístico das mulheridades distintas aqui investigadas e, nessa desconstrução, emerge a identidade plural que questiona e vai contra o discurso hegemônico de mulheres brancas, heteros e eurocentradas.

O pensamento de Angela Davis, mediado por Thais Rodrigues e Laíssa Ferreira (2020),

é norteador para adentrar o universo de Kerolayne Kemblin e Gloria Anzaldúa, tendo em vista aprofundar a compreensão sobre a desconstrução de estereótipos.

Parte fundamental de suas análises é a desconstrução de estereótipos e imagens fictícias atribuídas às mulheres negras e a oposição ao discurso hegemônico do movimento organizado de mulheres brancas, que invisibilizava a produção intelectual e as práticas de organização social das mulheres negras. Esta obra inicial de Davis se insere no contexto de revisitação da história da escravização, no qual estavam sendo publicadas análises sobre as comunidades negras. A autora ressalta, contudo, que poucas pesquisas tinham como foco a experiência das mulheres negras e as consequências dessas experiências para a compreensão do racismo, do sexismo e do capitalismo contemporâneos (Rodrigues; Ferreira, 2020, p. 6).

A multiarte de Kerolayne Kemblin tematiza a mulher afrocentrada em diálogo com o quilombo urbano ao qual pertence. Somando ao empoderamento das mulheres latinas, temos a obra de Gloria Anzaldúa, com sua poesia diversa que fala sobre uma mulher mestiça que assume sua sexualidade homoafetiva. O ato de assumir e falar sobre questões íntimas da mulher por si só já é um afrontamento contra o sistema machista-patriarcal das sociedades latinas que cancela e mata todos os tipos mulheres. Pelas apresentações anteriores, já podemos apontar como feminista e revolucionária as obras produzidas por Kerolayne Kemblin e Gloria Anzaldúa, pois cada uma, à sua maneira, desconstrói estereótipos válidos socialmente, aqueles que só valorizaram a mulher branca, hetero e eurocentrada como produtoras de arte. Como contraponto a essa ideia hegemônica de pensar a vida e, em especial, a arte, temos o trabalho de Kerolayne Kemblin que, com:

Sua crítica visa então valorizar uma continuidade histórica que visibiliza organizações, que busca evitar a sacralização de indivíduos ou termos e seus criadores e que objetiva o fortalecimento e aprofundamento do ativismo e da produção intelectual de mulheres negras comprometidas com projetos de justiça social (Souza, 2022, p. 54).

Kerolayne Kemblin, através de sua multiarte, mira o fortalecimento do ativismo negro. O arranjo das imagens criadas por ela é repleto de atravessamentos sociais e fala sobre a Amazônia, a mulher amazônida que resiste e que, assim como ela, se caracteriza pela diversidade que é típica

de uma cidadã que habita a capital manauara. A artista, comprometida com o projeto de justiça e denúncia social, contamina sua arte com essa ideia tendo em vista trazer reflexão. Seguindo a mesma linha de projeto social e empoderamento, a poesia de Gloria Anzaldúa evidencia escrituras de uma mulher mestiça e lésbica que, em seu percurso ativista, busca pavimentar uma sociedade melhor para as mulheres latinas, que resistem e que anseiam por justiça. Em ambas artistas emergem linguagens latinas de mulheridades diversas que destacam o desejo de liberdade e a constante resistência. As obras operam para que outras mulheres encontrem sororidade e pertencimento social. A multiarte de Kerolayne Kemblin e a poesia da Gloria Anzaldúa estão divulgadas, compartilhadas e curtidas no Instagram. O Instagram, enquanto espaço virtual, contribui para que:

As manifestações literárias, em especial, as criações poéticas autorais, presentes na rede social Instagram, instigaram a convenção do uso do termo Instaliteratura nesta pesquisa. A junção das palavras Instagram e literatura, é referenciada pelos próprios usuários da rede social, através do uso de *hashtags*. O termo pode ser usado para se referir, tanto a conteúdos literários autorais, quanto a qualquer compartilhamento de conteúdo literário de terceiros, comentários, adaptações e traduções, publicados em forma de *posts* presentes no Instagram. É de interesse dessa pesquisa, no entanto, a análise de produções poéticas autorais (Martins, 2006, p. 1).

Na atualidade, o Instagram é uma poderosa ferramenta de trabalho e divulgação para as artistas. Relacionamos, neste estudo, o vocabulário “instaliteratura” para produções artísticas que são apresentadas nesse espaço virtual. Sob a perspectiva do Instagram, nossas artistas se constroem diariamente com o público que realiza várias interações com as obras que são postadas no *feed* de notícias. No caso específico de Kerolayne Kemblin, a artista utiliza o Instagram tanto como um meio de divulgação de suas obras, quanto como uma ferramenta de produção artística e ativismo. No que diz respeito à Gloria Anzaldúa, o Instagram é utilizado para conhecer e circular sua produção poética, através de postagens, sobretudo de admiradores do seu trabalho, de artistas ou de estudiosas. Por meio das *hashtags* #gloriaanzaldua e #kerolaynekemblin é possível acessar material sobre ambas.

## AS VOZES E A LIBERDADE NA MULTIARTE DE KEROLAYNE KEMBLIN E NA POESIA DE GLORIA ANZALDÚA NO INSTAGRAM

Falar sobre as vozes é lembrar que cada discurso está repleto de intenções que repercutem em nós mesmos e no social. Quando pensamos na multiarte de Kerolayne Kemblin, e também na interpretação da poesia de Gloria Anzaldúa, recorreremos às suas escrevivências que são construções ideológicas particulares para falar de si mesmas. E ao “falar de si”, elas também constroem identidades latinas diversas que expõem suas emoções, amores, desamores, preconceitos vividos, violências e resistências, em uma luta genuína, constante e diária em prol, principalmente, da liberdade de existir.

Kerolayne Kemblin e Gloria Anzaldúa abordam também suas angústias e sofrimentos como mulheres que experienciam diversos preconceitos e violências, na sociedade de estrutura patriarcal opressora, que mata e estupra mulheres diversas o tempo todo. O construir artístico das mesmas também apresentam propriedades terapêuticas para curar feridas individuais e coletivas fruto do patriarcado que diz que “mulher hetero preta” e “mulher homo mestiça” não pode “isso ou aquilo”. Além disso, a produção de ambas igualmente destaca o silenciamento, cancelamento e apagamento das ancestralidades africanas, indígenas, mestiças e latinas.

A multiarte de Kerolayne Kemblin pode ser relacionada à autenticidade, já que ela cria sua arte a partir de sua bagagem e percepção de mundo como mulher afrocentrada que vive na Amazônia. Assim como a poesia de Gloria Anzaldúa que, ao expor os versos que falam sobre suas temáticas particulares como mulher mestiça, sua poética atua como medicina para sanar tudo aquilo que a sociedade sempre diz, e com grande insistência, que mulher não pode. Dessa forma, temos que as resistências dessas mulheres que se unem a outras mulheres, que usam as *hashtags* do Instagram para compartilharem suas produções artísticas e, assim, fazer repercutir cada vez mais em grupos os ideais de liberdade que tantas desejam.

No percurso de compartilhamentos, vamos acessar a *hashtag* #kerolaynekemblin do Instagram da multiartista, Kerolayne Kemblin. A mesma divide sua vida entre a comunidade do quilombo urbano

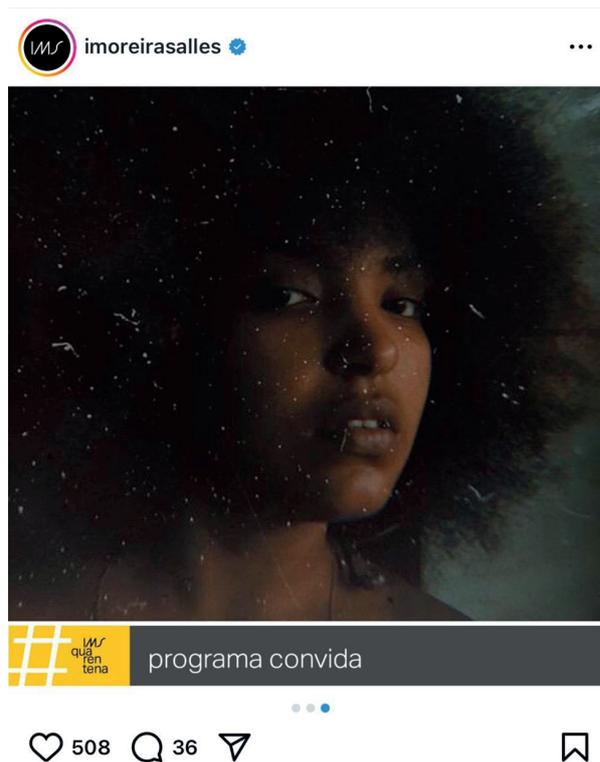


Figura 1 - Kerolayne Kemblin. Printscreen de post do Instagram.

Fonte: Instagram do Instituto Moreira Salles.<sup>1</sup>

em Manaus, seu estado de origem, e São Luís do Maranhão onde vive, atualmente, com seu companheiro. Os preconceitos e atravessamentos experienciados por Kerolayne Kemblin são bem diferentes dos encontrados por Gloria Anzaldúa, por ser mulher mestiça, lésbica que vive no entrelugar entre a região do Rio Grande, na fronteira entre o estado do Texas, nos Estados Unidos com o México. Segundo a *hashtag* #kerolaynekemblin temos acesso à Figura 1, que consiste em uma imagem da própria artista; e, na Figura 2, uma colagem digital da artista com os dizeres “Imagens são chaves que abrem e fecham. Ou simplesmente são portas que ficam entreabertas. Encruzilhadas. Um reflexo. Um disparo”.

Na Figura 1 temos o empoderamento e a voz da mulher afro-latina que mergulha em si para buscar sua representação. A imagem reforça o poder do seu cabelo crespado como expressão da sua negritude. Logo, a fotografia de Kerolayne Kemblin busca quebrar o estereótipo de beleza branca eurocentrada de mulher com o cabelo liso e traz afirmação positiva de sua identidade como mulher afro-latina. Com essa atitude de pertencimento e



♡ 209



Figura 2 - Multiarte libertária latina de Kerolayne Kemblin. Printscreen de post do Instagram.  
Fonte: Instagram do Support Black art.<sup>2</sup>

de valorização de suas características fenotípicas de identificação, temos uma expressão genuína de poder e força feminina ao enaltecer nessa imagem sua ancestralidade afro-amazônida.

Já as Figuras 2 e 3 podemos entendê-las como uma espécie de arte libertaria-afro-amazônida latina instagramável. Nessas imagens, o imaginário amazônico construído por Kerolayne Kemblin, em uma visão afrocentrada, expõe sua imagem virada de costas, ao redor do seu próprio pé, indicando possivelmente um caminho a seguir. Existe também um homem pescador. A fauna amazônica representada no tecido de animais (na estampa de oncinha), periquito, arara e a imagem recortada de um peixe grande. Diante desse cenário, temos a representação da flora dessa região de rica biodiversidade, vista pela imagem da pupunha, alimento nativo muito apreciado nessa localidade, a espada de São Jorge, planta que Kerolayne Kemblin leva na própria mão para espantar as energias negativas, os maus espíritos e que dá sorte nas passagens em seus caminhos da vida.



♡ 209



Figura 3 - Multiarte libertária latina de Kerolayne Kemblin (continuação). Printscreen de post do Instagram.  
Fonte: Instagram do Support Black art.

Encontramos uma forma de arte repleta de elementos simbólicos, inclusive de sua possível ancestralidade egípcia pela imagem de um hieróglifo. E, no caminho *Sankofa*, nos deparamos com sua ancestralidade, na realização do eu individual e coletivo, na presença da marca deixada pelo corpo afro na busca pelos seus ancestrais para reforçar o sentido de comunidade, tal qual apontado nos dizeres de George Ulysses Rodrigues de Ilá Sousa (2021), para a construção solidificada e socialmente prestigiada do axé africano. Assim, Kerolayne Kemblin, nesse *lôcus* de ancestralidades diversas, traz a imagem da perfumaria Preto Velho, de incensos da Umbanda que enaltecem a religião de matriz africana, da qual Kemblin sente pertencimento, afeto e orgulho. Essa discussão pode ser um pouco mais complementada, com os dizeres a seguir:

Os discursos sobre as mulheres de axé têm sido produzidos por uma elite discursiva, fundamentada na ciência racista, que insiste em expor essas *sujeitas* como objetos de investigação e, consequentemente, subalternas intelectualmente. Ao privilegiar a produção de narrativas dessas mulheres, o



Figura 4 - Gloria Anzaldúa. Printscreen de post do Instagram.

Fonte: Instagram da LGBTQ Legacy Project.<sup>4</sup>

estudo visa confrontar esses discursos. Os contra discursos são considerados contra coloniais, pois se constroem em pleno enfrentamento aos discursos das elites, que se arquivam na projeção do branco como a norma social de humanidade. Os discursos produzidos por essas mulheres, no espaço acadêmico, demonstram tensões evidentes travadas nos espaços de conhecimento, bem como demonstram a construção discursiva como resistência às tentativas de caracterização pelas narrativas hegemônicas (Rocha, 2020, p. 115).

O discurso da mulher de axé encontrado em Kerolayne Kemblin pode ser relacionado ao combate do racismo, enaltecendo por essa perspectiva sua negritude feminina. O autoamor presente em sua obra expõe elementos da Amazônia vistos por ela mesma de forma afetiva, como parte de um caminho que tem de resistir. Essa atitude da artista abre as portas certas, com as diversas chaves da cultura da Amazônia, para fazer atravessar sua visão feminina de

negritude, que sempre falará de si mesma e do espaço biossocial variado amazônico que habita e, igualmente, faz parte de suas entranhas como mulher que ali nasceu. Sobre esse aspecto, Sousa (2021) afirma que a escrita da pessoa afro deve ser uma troca entre as pessoas e suas interações com o todo, para superação do trauma do processo de escravidão, como por exemplo, do tráfico negreiro e de suas repercussões sociais.

Depois dessas considerações sobre Kerolayne Kemblin, partiremos para a poesia libertária latina de Gloria Anzaldúa. Trazemos a Figura 4 que apresenta a imagem da própria artista de cabelos curtos que enaltece um singelo sorriso. Gloria Anzaldúa enfrenta o ideal patriarcal de mulher branca, hetero, eurocentrada que usa cabelos longos e que só esse tipo de perfil feminino de cabelos merece prestígio e ser tido como ideal de mulher.

A Figura 5 apresenta um excerto poético libertário de Gloria Anzaldúa sobre o ato de cura, de seu parente próximo, praticado por uma curandeira que usa elementos da natureza. Nas traduções das palavras em inglês, *small brances* - galhos pequenos, em português. Há, igualmente, palavras em espanhol para a construção do lirismo libertário com o uso das palavras, *curandera, hojas, limpieza* e outras. A construção vocabular para expressão e referenciação de suas emoções e sentimentos, tanto em Kerolayne Kemblin, quanto em Gloria Anzaldúa, demonstram que ambas precisam falar, mostrar, enfatizar suas origens e dos lugares aos quais pertencem. Cada uma com suas singularidades, e visões criativas de mulheres que habitam o sul global, auxiliam na construção das narrativas dos lugares aos quais estão envolvidas. A Kerolayne Kemblin através das colagens digitais, e Gloria Anzaldúa com o uso de arranjos vocabulares em idiomas que ela dominava muito bem, o espanhol e o inglês. Gloria Anzaldúa busca, na empreitada rumo a sua ancestralidade asteca, falar do processo de cura do seu tio por intermédio da construção do seu lirismo. Por isso, ela relembra essas práticas de cura que são heranças dos povos pré-colombianos, que habitaram a região mexicana em tempos longínquos, como por exemplo, os astecas.



Figura 5 - Poesia Mestiça em *spanglish* de Gloria Anzaldúa. Printscreen de post do Instagram. Fonte: Instagram da casa índigo.<sup>5</sup>

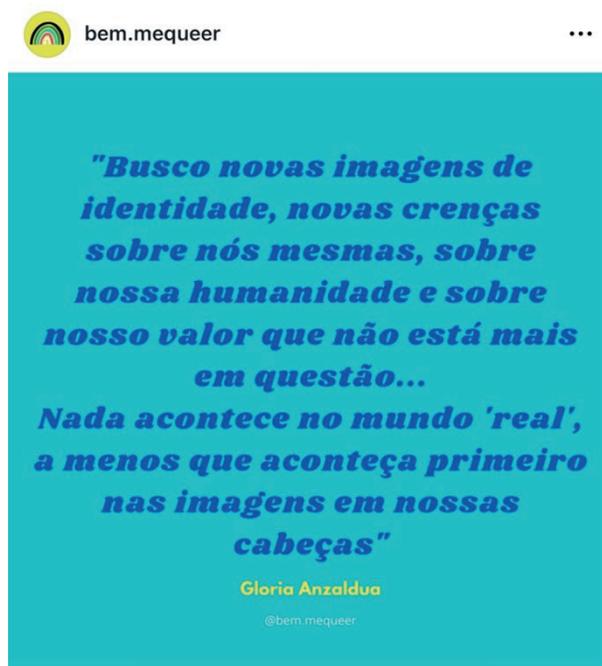


Figura 6 - Poesia Identitária de Gloria Anzaldúa. Printscreen de post do Instagram. Fonte: Instagram Bem me queer.<sup>6</sup>

Em suma, podemos definir que:

A literatura chicana feminina a partir de 1980 distingue-se pelo enfoque no espaço geográfico da fronteira entre os EUA e o México e pelo uso metafórico que desse espaço se faz. É neste contexto que Borderlands/La Frontera se inicia com a desconstrução do discurso anglo-americano da história da fronteira territorial onde Gloria Anzaldúa cresceu. Para a autora, pensar a fronteira como lócus metafórico implica a consciência do espaço geográfico onde a história dos mexicanos convergiu com a dos anglo-americanos, dando origem à identidade chicana. Um dos traços comuns a esta literatura é ainda o desafio às noções patriarcais impostas ao gênero feminino. Neste sentido, as propostas de Anzaldúa têm como ponto de partida a sua própria experiência como mulher em duas culturas de domínio masculino, a chicana e a americana dominante (Lobo, 2015, p. 37).

A literatura feminina chicana produzida por Gloria Anzaldúa traz uma reflexão profunda sobre a sua relação com os lugares e pessoas que cruzaram o seu caminho. Seu olhar e sua voz resistentes e contracoloniais eram inspirados pela região da fronteira entre os EUA e o México, local onde vivia, que, por sua vez, também

inspirava sua atividade militante LGBTQIAPN+. As experiências de Gloria Anzaldúa, nos espaços de poder, sempre eram direcionadas a combater todos os tipos de violências que poderia viver ou presenciar. Tais violências apareciam em sua poesia de maneira profunda e, para combatê-las, a artista desempenhava um papel direto ou indireto na construção e consolidação do seu empoderamento feminino para resistir, militar e sobreviver nesse entrelugar. Sua produção foi marcada pela sociedade patriarcal da época, que sempre inferiorizava as mulheres, ainda mais as que se destacavam nas produções artísticas, ou eram militantes lésbicas, como foi Gloria Anzaldúa.

A poesia de Gloria Anzaldúa sempre questionou sua existência e sua ressurgência como mulher lésbica latina chicana. Ela tinha como desejo consolidar, via atitude feminista latina mestiça, a centralidade do poder sobre si mesma, alguém que assume suas consequências frente aos enfrentamentos advindos da sociedade machista e patriarcal na qual vivia e que tinha muita consciência crítica sobre isso. Gloria Anzaldúa estava condicionada a

um sistema que foi e, ainda é, opressor, violento e misógino mesmo que de forma velada e simbólica, por ela ser quem era. Ela sabia que sua identidade diversa era um afrontamento ao sistema opressor de mulheres, que decidiam expor suas potências, sentimentos e afetos. Por referenciar essas questões, constatamos que:

Se a maior parte das chicanas, homossexuais ou heterossexuais, são ensinadas a experienciar a sua sexualidade com a mesma passividade e abnegação com que se espera que conduzam as suas vidas, estas mulheres reivindicam o direito à sua sexualidade, confrontando o poder patriarcal, ao mesmo tempo que excluem o gênero masculino de todos os seus grupos de atuação e de contestação à sociedade dominante, assumindo um feminismo lésbico (Lobo, 2015, p. 68).

Kerolayne Kemblin assumiu sua identidade amazônica e negritude na construção de sua arte libertária. Da mesma maneira, Gloria Anzaldúa defendeu sua identidade na construção de sua liberdade enquanto mulher que assumiu seu feminismo lésbico. A luta é contínua para todas as mulheres que ousarem ser quem elas são, que defenderem ideias, singularidades e empoderamentos, dentro e fora do ambiente Instagram. Mas, como dizia Chiquinha Gonzaga na letra de sua música, abre alas que eu quero passar, vivendo, revivendo e sendo quem sou. Kerolayne Kemblin e Gloria Anzaldúa lutam juntas, nos espaços de direito em territórios sulistas, para que suas vidas repercutam para si mesmas e para as(os) outras(os) de forma positiva e empoderada, tendo em vista a construção de uma sociedade mais diversa, dentro e fora do Instagram. Pois bem... ô abre alas que eu, Kerolayne Kemblin e Gloria Anzaldúa, que nós queremos passar e viver!

Por fim, ressaltamos que muitas das informações apresentadas sobre as obras e biografias das duas artistas, Kerolayne Kemblin e Gloria Anzaldúa, são oriundas da pesquisa e vivência no Instagram, da primeira autora deste artigo, Thais Yasmine Feitosa Gondim.

## NOTAS

01. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CEkcV0kFGpu/?igsh=anpOeHRhMWNOMDg0&img\\_index=3](https://www.instagram.com/p/CEkcV0kFGpu/?igsh=anpOeHRhMWNOMDg0&img_index=3)>. Acesso em: 1 ago. 2024.

02. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CNrBxByhoxW/?igsh=ZG0waDNmOTI5eWUz&img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CNrBxByhoxW/?igsh=ZG0waDNmOTI5eWUz&img_index=1)>. Acesso em: 1 ago. 2024.

03. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CNrBxByhoxW/?igsh=ZG0waDNmOTI5eWUz&img\\_index=2](https://www.instagram.com/p/CNrBxByhoxW/?igsh=ZG0waDNmOTI5eWUz&img_index=2)>.

04. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/Cxq5BGaNdJw/?igsh=MTE3bTdyM2VuN3Vkbkg%3D%3D&img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cxq5BGaNdJw/?igsh=MTE3bTdyM2VuN3Vkbkg%3D%3D&img_index=1)>.

05. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CsRV6tNIE-b/?igsh=MWd30XB4dmtib2ttDQ%3D%3D&img\\_index=3](https://www.instagram.com/p/CsRV6tNIE-b/?igsh=MWd30XB4dmtib2ttDQ%3D%3D&img_index=3)>.

06. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/ColzOnvMyMB/?igsh=eXZzY2hyeHhIoTvu>>.

## REFERÊNCIAS

DAVIS, Ângela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

EVARISTO, Conceição. **A escrivência e seus contextos**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: BARROS, Nadilza Martins de; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. Gênero e etnia: uma escrivência de dupla face. João Pessoa: Ideia, 2005.

SOUSA, George Ulysses Rodrigues de Ilá. **Quilombismo, ancestralidade e semiótica dos terreiros**: por uma cartografia da pessoa preta nas artes visuais. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Departamento de Comunicação, Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/63722/3/2021\\_dis\\_gursousa.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/63722/3/2021_dis_gursousa.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2023.

LOBO, Patrícia Alves de Carvalho. **Chicanas em busca de território**: a herança de Gloria Anzaldúa. FLUL, Lisboa, 2015.

MARTINS, Amanda. Instaliteratura: imagem e palavra em manifestações poéticas no Instagram. **Anais IX Simpósio Nacional ABCiber - Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura**, PUC,

São Paulo, 2016. Disponível em: <[https://abciber.org.br/analseletronicos/wp-content/uploads/2016/trabalhos/instaliteratura\\_imagem\\_e\\_palavra\\_em\\_manifestacoes\\_poeticas\\_no\\_instagram\\_\\_amanda\\_rafaela\\_gomes\\_martins.pdf](https://abciber.org.br/analseletronicos/wp-content/uploads/2016/trabalhos/instaliteratura_imagem_e_palavra_em_manifestacoes_poeticas_no_instagram__amanda_rafaela_gomes_martins.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2023.

ROCHA, Melina Souza da. O discurso contra colonial de mestras de axé: trajetórias de racismo religioso na educação, e processos de resistência feminina. **Revista Calundu**, São Paulo, v.4, n.1, p. 114-121, jan.-jun., 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/30644/26408>>. Acesso em: 09 set. 2023.

RODRIGUES, Thais; FERREIRA, Laíssa. Angela Davis. **Enciclopédia Mulheres na Filosofia**, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/angela-davis/>>. Acesso em: 09 set. 2023.

SOUZA, Thaís Rodrigues de. **Interconexões entre gênero, raça e classe na obra de Angela Davis**: as mulheres negras e a dialética entre opressões e resistências. Tese (Doutorado em Filosofia), Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos/SP, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/0b8528b1-b808-4763-b2ca-b573d1c269c0/content>>. Acesso em: 09 set. 2023.

#### SOBRE AS AUTORAS E O AUTOR

*Thais Yasmine Feitosa Gondim* é Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras (2023) pela Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, bolsista FAPESPA. Especialista em Literatura Comparada (2018) pela UFOPA. Graduada em Letras - Português (2014) pela UFOPA. Letras Espanhol (2017) e Letras Inglês (2021) pela Universidade de Uberaba, EAD pela (UNIUBE). Têm interesse na área de Letras, em estudos comparados que abordam temáticas contracoloniais, feministas e contemporâneas, instagramáveis entre poesia de arte.

E-mail: [ythais@hotmail.com](mailto:ythais@hotmail.com)

*Hosana Celeste Oliveira* é artista, pesquisadora e professora. Doutora em Artes pela UNESP,

realizou estágio doutoral no exterior (PDSE-CAPES) no MediaLab/Crucible Studio, da Aalto University (Helsinki, Finlândia), na qual também acompanhou as atividades de pesquisa do Laboratório de Engenharia Computacional e Ciências Cognitivas, do Centro de Pesquisa do Cérebro, ligadas ao monitoramento fisiológico em tempo real enquanto se assiste a um filme, para investigar as bases neurais das narrativas. É mestre em Multimeios e bacharel em Educação Artística, ambos pela UNICAMP. Foi artista visitante e assistente de ensino e pesquisa na Köln International School of Design/KISD (bolsa DAAD) e na Kunsthochschule für Medien Köln/KHM (Colônia, Alemanha); colaborou com o Atelier En-Fer (Utrecht, Holanda). Professora Visitante do PPGARTES-UFPA (2022-2024). Trabalha com arte, neurociência, tecnologia.

E-mail: [hosana.celeste@gmail.com](mailto:hosana.celeste@gmail.com)

*Odenildo Queiroz de Sousa* é Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Possui Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (2006), Especialização em Administração e Planejamento para Docentes pela ULBRA (1998), graduação em Direito pela Universidade Federal do Pará - Campus de Santarém (2001) e graduação em Letras pelo Instituto Luterano de Ensino Superior de Santarém (1996). Atualmente é Dedicado Exclusivo da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA. Tem experiência na área de Letras e Direito, com ênfase em Letras, atuando nos seguintes temas: Educação e Literatura, Modernismo paraense, Literatura Brasileira de Expressão Amazônica.

E-mail: [odenildo.sousa@ufopa.edu.br](mailto:odenildo.sousa@ufopa.edu.br)